

O "PONTO ZERO" DO CAPITALISMO SENIL, AS RECENTES MANIFESTAÇÕES E PROTESTOS DE MASSA NO BRASIL

José Alex Soares Santos
Faculdade de Educação de Itapipoca/Universidade Estadual do Ceará
alexsoares1976@gmail.com

Francisca Geny Lustosa
Universidade Federal do Ceará
franciscageny@yahoo.com.br

Resumo: O capitalismo senil aproxima-se de uma fase apocalíptica, ou seja, do seu "ponto zero". Partimos desse enunciado, na tentativa de compreender o significado político-ideológico mais profundo das recentes manifestações e protestos de massa conhecidos como "jornadas de junho", com forte participação da juventude nas ruas, bem como a emergência deste movimento e seus resultados sociais e políticos. O pressuposto aqui anunciado, adota a perspectiva metodológica crítico-interpretativa, focada na abordagem político-filosófica de Slavoj Žižek. Seguindo essa linha teórica analisamos textos jornalísticos publicados nas revistas "Carta Capital", "Caros Amigos: a primeira à esquerda" e no tabloide "*Le Monde Diplomatique* Brasil". Apresentamos como síntese deste esforço crítico que tais manifestações, na perspectiva žižekiana, constituem um paradoxo: o "sonho da emancipação" e o "pesadelo da destruição obscura". Como são apenas um prenúncio do início, não se sabe muito bem qual será seu desfecho final. Os caminhos são incertos... Diante desse quadro em aberto, indagamos: qual o legado político desses protestos para a classe trabalhadora e para a atuação da classe política brasileira? O que está sendo orquestrado pelos movimentos sociais para junho de 2014 no Brasil, período em que acontecerá os jogos da Copa do Mundo?

Palavras-chave: Capitalismo global. Manifestações de massa. Jornadas de junho.

Introdução

No presente estudo adotamos os fundamentos teóricos, filosóficos e políticos de Slavoj Žižek bem como seus "microexemplos", para desenvolvermos uma análise crítico-interpretativa das manifestações que invadiram as ruas de 4.380 cidades brasileiras com 2,5 milhões de pessoas em marcha por ruas e avenidas de todo o país.¹

Com o intuito de melhor entendermos os aspectos que motivaram as manifestações ou jornadas de junho no Brasil, no ano de 2013, mediados pela abordagem filosófica e política

¹ MESQUITA, Renata Valério de. Rebelia digital. **Revista Planeta**. Ano 41, n. 490, p. 36-41, ago. 2013.

do referido pensador contemporâneo, realizamos um recorte teórico-metodológico centrado em algumas de suas obras e textos publicados em forma de livros ou coletâneas, traduzidos para o português. Entre tais escritos, destacamos aqueles que apresentam relação direta com a temática em discussão, quais sejam:

1. **Em defesa das causas perdidas** (2011);
2. **O ano em que sonhamos perigosamente** (2012a);
3. O violento silêncio de um novo começo. (2012b);
4. Problemas no Paraíso (2013);
5. **Um mapa da ideologia** (1999);
6. **Vivendo no fim dos tempos** (2012c).

A revisão de literatura, teve sua sistematização integrada às análises feitas por colaboradores e articulistas das revistas **Carta Capital**²; **Caros Amigos**: a primeira à esquerda³ e do tabloide **Le Monde Diplomatique Brasil**⁴, bem como "pesquisas de opinião" feitas pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e Instituto de Pesquisas Datafolha, correspondentes às manifestações e protestos no Brasil.

Panorâmica dos protestos no "Paraíso" do capital: Brasil em foco

A sensação de "surpresa" era unânime quando iniciaram as "jornadas de junho" no Brasil entre intelectuais, jornalistas, militantes de movimentos sociais, sindicalistas, e todas as demais categorias de estratos sociais de classe que queiramos imaginar. Este estado de perplexidade vai de encontro a epígrafe da sessão, isto é, sabíamos que poderiam acontecer, mas ao vê-las em movimento, não queríamos acreditar que estavam acontecendo.

A mesma perplexidade é percebida e contestada por Marilena Chauí (2013, paginação irregular):

Não foram poucos os que, pelos meios de comunicação, exprimiram sua perplexidade diante das manifestações de junho de 2013: de onde vieram e por que vieram se os grandes problemas que sempre atormentaram o país (desemprego, inflação, violência urbana e no campo) estão com soluções bem encaminhadas e

² Revista de informações de periodicidade semanal publicada no Brasil pela Editora Confiança. Foi fundada em agosto de 1994 pelo jornalista ítalo-brasileiro Mino Carta.

³ Revista de circulação nacional, de periodicidade mensal, publicada por Editora homônima, está em circulação no Brasil desde o ano de 2007.

⁴ Uma publicação de periodicidade mensal da Associação Palavra Livre em parceira com o Instituto Pólis. Apresenta em suas matérias um jornalismo fundado na pesquisa responsável, incorporando em suas reportagens posicionamentos heterogêneos na discussão dos temas de capa, assumindo a forma de dossiê.

reina a estabilidade política? As perguntas são justas, mas a perplexidade, não, desde que voltemos nosso olhar para um ponto que foi sempre o foco dos movimentos populares: a situação da vida urbana nas grandes metrópoles brasileiras.

O inusitado e paradoxal destas manifestações é que o seu estopim deu-se em um momento pouco provável de acontecer no Brasil, ou seja, milhões de pessoas saírem às ruas para protestar diante de um quadro de letargia social e com mais de uma década que os protestos vinham de organizações do campo, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Agregue a isto, o fato de que no Nordeste aconteciam as festas juninas, e no "país do futebol" estava em andamento a Copa das Confederações, inclusive, tendo a "seleção canarina" como campeã do torneio.

Podemos incluir nessa soma a ideia otimista de que o "Brasil está no caminho certo", a qual se manifesta no levantamento do IBOPE (2013, paginação irregular), em que "71% da população no Brasil se diz satisfeita ou muito satisfeita com a vida que leva hoje em dia".

A tônica desse otimismo é flagrante na reportagem de capa da "Revista Carta Capital"⁵, publicada um mês antes das "jornadas de junho", que estampa em fundo amarelo a manchete:

"O Brasil confiante", seguida de um breve resumo que por si só revela o otimismo: "em uma década, o país criou 19 milhões de empregos formais. Eis a base do otimismo da população [...]".



Todavia, esses fatos e o poder alienante da programação dos *mass media* não foram suficientes para conter o ímpeto da população de manifestar-se, protestar e se rebelar contra o estado de coisas, fruto dos "podres poderes" e da "nova" ordem mundial,

encastelados na estrutura perversa do sistema sociometabólico do capital, em um "mundo globalizado".

Dessa forma, um grande ponto de interrogação fora cravado na opinião pública brasileira, nos *mass media*, nos analistas políticos, representantes de partidos políticos, sindicalistas, intelectuais, entre outros, durante e após as "jornadas de junho". Todos buscavam uma explicação para a agitação eufórica que tomou conta das ruas no país. As pessoas atônitas se perguntavam: "para onde estamos caminhando?" "O que virá depois?" Perguntas que se aproximam das inquietações de um sociólogo do trabalho, quando analisou

⁵ Carta Capital, ano XVIII, n. 747. São Paulo: Editora Confiança, maio 2013.

o *Occupy*, ocorrido no ano de 2011, em que uma onda de mobilizações e protestos sociais sacudiram o mundo⁶:

[...] Terão os movimentos sociais de indignados capacidade de elaborar em si e para si uma plataforma política mínima capaz de exercitar a hegemonia social e cultural, preparando-se para uma longa "guerra de oposição" e acumulando forças sociais e políticas sob o cenário da barbárie social e do capitalismo manipulatório?

[...] até que ponto seriam eles efetivamente capazes de fazer história numa perspectiva do além do capitalismo que, em si e para si, é incapaz de incorporar as demandas sociais do precariado, tendo em vista a nova fase do capitalismo histórico imerso de contradições sociais intensas? (ALVES, 2012, p. 37-8).

Tais preocupações encontram eco na abordagem de Žižek, quando ao tratar da onda de protestos que abalou monarquias ditatoriais no Oriente Médio, até a farsa liberal democrática no paraíso do consumo (EUA), passando por países de "Terceiro Mundo", com economias em "efervescente" crescimento — o caso do Brasil e Turquia — chama atenção para alguns aspectos pertinentes ao fato em discussão. Em primeiro lugar, destaca a aprendizagem política possibilitada por esses eventos, intercalada com a pergunta: para onde a pedagogia dos protestos nos conduzirá? Sinaliza também os perigos iminentes que rondam os passos seguintes à primeira etapa das manifestações. Saímos às ruas e protestamos, até aí tudo bem, mas o que fazer no pós-protestos?

É aqui que a política propriamente dita começa: a questão é como seguir adiante depois de finda essa primeira e entusiasmada etapa, como dar o próximo passo sem sucumbir à catástrofe da tentação "totalitária". Um dos grandes perigos que enfrentam os manifestantes é o de se apaixonar por si mesmos, pelo momento agradável que estão tendo nas ruas. "Estão nos perguntando qual é o nosso programa. Não temos programa. Estamos aqui para curtir o momento", dizem. Bom, os carnavais saem barato, mas a verdadeira prova de seu valor é o que permanece no dia seguinte, o modo como o nosso cotidiano se transforma. (ŽIŽEK, 2013, p. 193).

Em meio, a polvorosa massa rebelde, esteios de protofascismo e ações neonazistas, aparecem como mostra espectral de um movimento constituído por uma densa e complexa diversidade social.

[...] o que predomina entre os manifestantes é um modo de consciência contingente capaz de expor, com indignação moral, as misérias do sistema sociometabólico do capital, mas sem identificar suas causalidades histórico-culturais (o que não significa que não haja os mais diversos espectros de ativistas anticapitalistas). (ALVES, 2012, p. 36).

⁶ A Primavera Árabe, que derrubou governos totalitários na Tunísia, Turquia e no Egito; Movimento 12 de Março ou Geração à Rasca, em Portugal; Movimento 15 de Março ou Movimento dos Indignados da Puerta del Sol, na Espanha; o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos.

Neste ponto da análise que tem como foco a presença do ativismo anticapitalista, destacada por Alves (2012), a qual está manifesta nos protestos populares, Žižek (2012b, p. 22) dentro de uma abordagem mais geral, trata a questão em paralaxe⁷:

Não faltam anticapitalistas hoje, estamos até mesmo testemunhando uma abundância de críticas aos horrores do capitalismo: livros, investigações jornalísticas aprofundadas e reportagens de TV repletos de empresas que poluem cruelmente nosso meio ambiente, de banqueiros corruptos que continuam a receber recompensas gordas enquanto seus bancos têm de ser salvos com dinheiro público, de fábricas clandestinas nas quais as crianças fazem hora extra etc., etc. Existe, entretanto uma armadilha para toda essa abundância de críticas: uma regra não questionada delas, tão cruel quanto possa parecer, é a moldura liberal democrática da luta contra esses excessos. O objetivo (explícito ou implícito) é democratizar o capitalismo, estender o controle democrático para a economia por meio da pressão da mídia, inquéritos parlamentares, leis mais severas, investigações policiais honestas, etc., etc. Porém, jamais questionar a moldura institucional democrática do Estado de direito (burguês). Isso continua sendo a vaca sagrada na qual mesmo as formas mais radicais desse "anticapitalismo ético" (o Fórum do Porto Alegre, o movimento de *Seattle*) não se atrevem a tocar.

É possível observar que os protestos no Brasil, naquilo que concerne às suas reivindicações não conseguiram ultrapassar a pauta democrático-liberal burguesa, em virtude da grande maioria dos manifestantes recusarem táticas violentas e ilegais, apoiando os protestos, contanto que fossem pacíficos, ou seja dentro da ordem. De acordo com dados do Datafolha (2013, paginação irregular):

formas de protesto violentas, como pichações e destruição de prédios públicos e privados, não são apoiadas por ampla maioria dos entrevistados [690 pessoas, na cidade de São Paulo]. São contrários as pichações em prédios públicos 95% [...]. Já 95%, desaprovam a destruição de agências bancárias, lojas e prédios públicos como forma de protesto.

Inicialmente, a tendência pacifista, teve um efeito positivo para o fortalecimento e aumento dos protestos de rua, já que foi responsável pela postura de recuo da ideologia hegemônica quanto a sua criminalização generalizada. Para Marilena Chauí (2013, paginação irregular), o tratamento dado pelos meios de comunicação as manifestações, seguiu o movimento da "condenação inicial e celebração final, com criminalização dos 'vândalos'".

Em síntese, a criminalização com o andamento dos fatos acabou recaindo exacerbadamente para a tática *Black Bloc* e sua ação direta nos confrontos com a polícia e ataque aos símbolos do capital financeiro, como por exemplo, as vidraças de bancos públicos e privados.

⁷ Paralaxe no pensamento žižekiano significa, a medida da mudança de posição aparente de um objeto em relação a um segundo plano mais distante, quando esse objeto é visto a partir de ângulos diferentes. (ŽIŽEK, 2008, p. 32).

A espetacularização na mídia por meio de imagens e comentários sensacionalistas e conservadores sobre as ações diretas mais radicalizadas vai de encontro ao que Žižek (2012a, p. 9) compara ao *war nan nihadan* — expressão da língua persa que significa "matar uma pessoa, enterrar o corpo e plantar flores sobre a cova para escondê-la".

A postura da ideologia hegemônica, tendo a grande mídia como sua locomotiva principal, teve como tarefa inicial a neutralização das manifestações populares, no sentido de transformá-las num gesto moralista inofensivo. O esforço cinicamente assumido foi de sufocar, matar e procurar enterrar o potencial emancipatório radical de tais eventos que buscavam marchar rumo a transformação, mesmo que não soubessem estarem fazendo. "Por isso é tão importante esclarecer as coisas, situar esses eventos dentro da totalidade do capitalismo global, o que significa mostrar como eles estão relacionados com o antagonismo central do capitalismo de hoje". (ŽIŽEK, 2012a, p. 9).

Por influxo dessa premissa, podemos inferir que as "jornadas de junho" têm sua essência vinculada aos antagonismos de classe no bojo da ordem sociometabólica do capital, incluso aqui sua crise estrutural que se aproxima de um "ponto zero apocalíptico". (ŽIŽEK, 2012c). Para o autor, não desconhecendo o caráter difuso das motivações que foram surgindo à medida que os protestos foram crescendo, até atingir o seu ápice, tais manifestações massivas apresentam como motivação comum, sua vinculação à totalidade do capitalismo senil e suas contradições candentes.

Contingências que motivaram as "jornadas" de junho

Uma cacofonia de vozes ecoando de diversas partes, na direção de um único ponto, ouvidas por um único observador. Essa é uma das aproximações possíveis, em termos metafóricos do quadro de análise que começou a ser pintado pelas inúmeras opiniões que eclodiram tanto na "grande mídia", quanto nos meios acadêmicos que se propuseram a abordar em certos momentos com reflexão crítica fundamentada teórica, sociológica e filosoficamente, no sentido de esclarecer, outros envoltos nos velhos clichês, contribuindo apenas para camuflar a realidade e agir a favor da manutenção da ordem.

No entanto, não podemos ser tentados a cometer o pecado capital de particularizarmos as motivações dos protestos. Ao analisarmos o efeito de causalidade sobre a insurgência popular no Brasil, inferimos que Slavoj Žižek sinaliza como motivação primeira as contradições do sistema capitalista global. Desse modo compreende que as tentativas de

particularizar suas motivações para situações específicas são intenções declaradas de beneficiar explícita ou implicitamente a manutenção do *status quo*.

Em relação ao que aconteceu no Brasil, essa particularização, torna-se flagrante no artigo de Marcos Coimbra⁸, articulista de "Carta Capital" ao defender que a razão principal para a mobilização dos manifestantes invadirem as ruas, esteve diretamente associada a sensação de insegurança dos brasileiros comuns, após a visualização da violência em estado bruto nas principais cidades do País.

Para Lesbaupin (2013), o elemento que está na raiz dos protestos denomina-se sistema político, tal perspectiva está atrelada a outra opinião apresentada por Bittencourt (2013, p. 15) que associa as manifestações à uma indignação contra:

Corrupção, inserção de parâmetros religiosos em nossa constituição laica, dinheiro público mal aplicado, falta de investimento adequado em Saúde e Educação, sucateamento dos serviços públicos, em suma, uma série de espoliações contra a cidadania ocasionou na população brasileira um ímpeto de indignação contra os rumos da política nacional.

Cabe ainda destacarmos um outro fator da diversidade de interpretações: a defesa da crise de mobilidade nas cidades ou "inferno urbano", tônica que aparece nas análises e posições de Marilena Chauí (2013), tais como: explosão do uso do automóvel individual; explosão imobiliária com os grandes condomínios (verticais e horizontais) e *shopping centers*, que produzem uma densidade demográfica praticamente incontrolável, além de não contar com redes de água, eletricidade e esgoto; aumento da exclusão social e da desigualdade com a expulsão dos moradores das regiões favorecidas pelas grandes especulações imobiliárias e a consequente expansão das periferias carentes e de sua crescente distância com relação aos locais de trabalho, educação e serviços de saúde; o transporte coletivo indecente, indigno e mortífero; à insuficiência quantitativa para atender à demanda, somam-se atrasos constantes por quebra de trens e dos instrumentos de controle das operações. Outros autores, como Ermínia Maricato (2013); David Harvey (2013); Mike Davis (2013); Raquel Rolnik (2012; 2013) também direcionam seu foco para a "questão urbana".

A particularização desses processos de luta que incomodaram a ideologia hegemônica, produzindo no seu interior um vazio, ajudam sobremaneira os defensores da

⁸ COIMBRA, Marcos. As pesquisas pós-manifestações. **Revista Carta Capital**. Ano XVIII, n. 759, jul. p. 39, 2013.

ordem mundial existente, pois ao assumir esse viés fica fácil argumentar que não há problemas de ordem geral, mas problemas locais específicos.

A pulverização dessas temáticas ofusca o antagonismo de classes, situando-se na noção de dominação — tema predileto das diferentes versões da micropolítica do poder pós-moderna. Não que estejamos nomeando estes intelectuais de pós-modernos. Porém, quando tratam das "jornadas de junho" e concentram suas análises na questão urbana ou crise das cidades, que é real não podemos negar e ao proporem possíveis soluções permanecem no circuito da democracia liberal burguesa, não conseguindo romper com as profundas raízes da estrutura real do capitalismo global e, como consequência forjar um "programa comunista". Aqui cabe a ideia de Mészáros (2011), que para romper com um problema estrutural, somente com um movimento de ordem global, contexto que nos impele compreender e transformar o real para além do local.

Convicto de que a noção de dominação é adequada aos anseios liberais pela via do reconhecimento, Žižek considera que este é um risco em uma pluralidade cultural atomizada por diversos grupos e estratos sociais de classe, os quais de maneira pacífica e por eleição, acabam dividindo o espólio, produto da exploração.

Voltando-se ao aspecto das manifestações populares, sinaliza que uma das motivações centrais para seu desfecho, no caso brasileiro, bem como as demais que aconteceram ao redor do mundo, está cimentada na própria estrutura do capitalismo global, que enfrenta uma crise estrutural e apocalíptica e dá sinais do encerramento de mais um ciclo econômico.

Prova disso é que indaga ironicamente, ao escrever sobre os protestos no Brasil: "problemas no Inferno parecem compreensíveis, mas por que é que há problemas no Paraíso, em países prósperos ou que, ao menos, passam por um período de rápido desenvolvimento, como a Turquia, a Suécia ou o Brasil?" (ŽIŽEK, 2013, p. 182).

Ao fazer deferência ao Brasil e relacionando a crise estrutural e suas derivações como motivação que levou a multidão às ruas, não compreende, apenas a reivindicação imediata do Movimento Passe Livre como centro dessas motivações, por isso mesmo questiona: "os protestos que eclodiram no Brasil em meados de junho: foram sim desencadeados por um pequeno aumento no preço do transporte público, mas então por que continuaram mesmo após essa medida ter sido revogada?" (ŽIŽEK, 2013, p. 184).

O apelo para compreender as forças que empurraram as massas à ocupar o labirinto das cidades brasileiras, está vinculado primeiramente a essa causalidade universal, qual seja, a desordem, disfarçada de ordem, da estrutura geral do capitalismo. É nesse sentido que chama

nossa atenção para "a boa e velha noção marxista-hegeliana de totalidade", que neste contexto ganha todo sentido, por ser crucial na apreensão da crise econômica em toda sua amplitude, evitando também de nos perdermos em seus aspectos parciais. (ŽIŽEK, 2012a).

É com base nessa perspectiva que Žižek (2013, p. 185), fará menção à luta existente em torno da interpretação que envolve os próprios protestos:

[...] a luta pela interpretação dos protestos não é apenas “epistemológica”; a luta dos jornalistas e teóricos sobre o verdadeiro teor dos protestos é também uma luta “ontológica”, que diz respeito à coisa em si, que ocorre no centro dos próprios protestos. Há uma batalha acontecendo dentro dos protestos sobre o que eles próprios representam: é apenas uma luta contra a administração de uma cidade corrupta? Contra o regime islâmico autoritário? Contra a privatização dos espaços públicos? O desfecho dessa situação está em aberto, e será resultado do processo político atualmente em curso.

Consideramos que sua percepção a respeito da disputa no interior dos protestos é bastante objetiva, no entanto assume postura comedida e ao mesmo tempo sensata, ao se colocar no grupo daqueles que veem o processo de luta contra uma diversidade de situações específicas, completamente em aberto, no tocante ao seu desfecho ou *grand finale*, porém não esquece de nos lembrar que estas especificidades tem uma dimensão em comum, ou seja, de totalidade: a crise estrutural do capital. O que se confirma nesta argumentação:

Aqui, no entanto, deve-se ressuscitar o bom e velho conceito marxista de totalidade – neste caso, da totalidade do capitalismo global. O capitalismo global é um processo complexo que afeta diversos países de maneiras variadas, e o que unifica tantos protestos em sua multiplicidade é que são todas reações contra as múltiplas facetas da globalização capitalista. A tendência geral do capitalismo global atual é direcionada à expansão do reino do mercado, combinada ao enclausuramento do espaço público, à diminuição de serviços públicos (saúde, educação, cultura) e ao aumento do funcionamento autoritário do poder político [...].

O que une esses protestos é o fato de que nenhum deles pode ser reduzido a uma única questão, pois todos lidam com uma combinação específica de (pelo menos) duas questões: uma econômica, de maior ou menor radicalidade, e outra político-ideológica, que inclui desde demandas pela democracia até exigências para a superação da democracia multipartidária usual. (ŽIŽEK, 2013, p. 186).

Para evitarmos cair no purismo da totalidade ou numa espécie de essencialismo, devemos apresentar algumas variáveis mais específicas dentro do contexto analisado. Ao abordar o "movimento dos indignados", o caso grego, a "geração à Rasca" e o *Occupy*, em síntese os eventos ocorridos na esfera de territórios em que a população desfrutou das benesses do *Welfare State*, Žižek (2012b), arrisca a atribuir como uma especificidade desse contexto das manifestações, o medo dos estudantes de que o ensino superior deixe de garantir "mais-salário" no futuro. Diante dos olhos da tragédia do desemprego estrutural, consequência direta da crise do sistema sociometabólico do capital, essa categoria geracional encheu os

espaços públicos e privados das cidades europeias e de Nova York para protestarem, assim como as ruas brasileiras.

[...] toda uma geração de estudantes quase não tem chance de encontrar emprego em sua área, o que leva a um protesto de massa; e a pior maneira de resolver essa lacuna é subordinar a educação diretamente às demandas do mercado — se não por outra razão, isso ocorre porque a dinâmica do mercado torna "obsoleta" a educação dada nas universidades. Esses estudantes inempregáveis estão predestinados a desempenhar um papel organizador fundamental nos futuros movimentos emancipatórios [...]. A mudança radical nunca é desencadeada apenas pelo pobre, de modo a criar uma desordem explosiva; portanto, a juventude educada inempregável (combinada à moderna tecnologia digital amplamente disponível) oferece a perspectiva de uma situação propriamente revolucionária. (ŽIŽEK, 2012a, p. 15-6).

Ao apresentar essa possibilidade de organização do movimento emancipatório, esta juventude instruída e inempregável em sua área de formação profissional, precisa conscientemente evitar o risco de desenvolver um culto narcisista sobre sua atuação radical e ficar enamorada de si mesmo. Caso isso aconteça sua insurgência contra o sistema estará fadada ao fracasso.

Esse destaque é importante para a compreensão do caso brasileiro, se relacionarmos as estatísticas do IBOPE e Datafolha (2013), referente a quem apoiava e continua apoiando as manifestações deflagradas no "Paraíso tropical" do capital financeiro. Os segmentos que mostraram maior apoio fazem parte da juventude entre 16 e 24 anos; pessoas com maior nível de instrução; estrato social com maior poder financeiro.

Segundo dados divulgados pelo Datafolha (2013, paginação irregular):

na análise por variáveis socioeconômicas, alguns segmentos se destacam no apoio às manifestações. Taxas mais altas de apoio são encontradas entre os mais ricos (80%), entre os que possuem renda familiar mensal de mais de cinco a dez salários mínimos (80%), entre os mais jovens (80%) e entre os mais escolarizados (78%).

Em levantamento feito pelo IBOPE (2013, paginação irregular), na opinião de quem participou dos protestos a taxa de adesão apresenta os seguintes índices: "[...] a taxa de adesão aos protestos é maior entre os mais escolarizados: 16% dos respondentes com ensino superior dizem ter ido às ruas. Da mesma forma, o estrato de maior renda familiar se mostra mais participativo nos protestos (15%)".

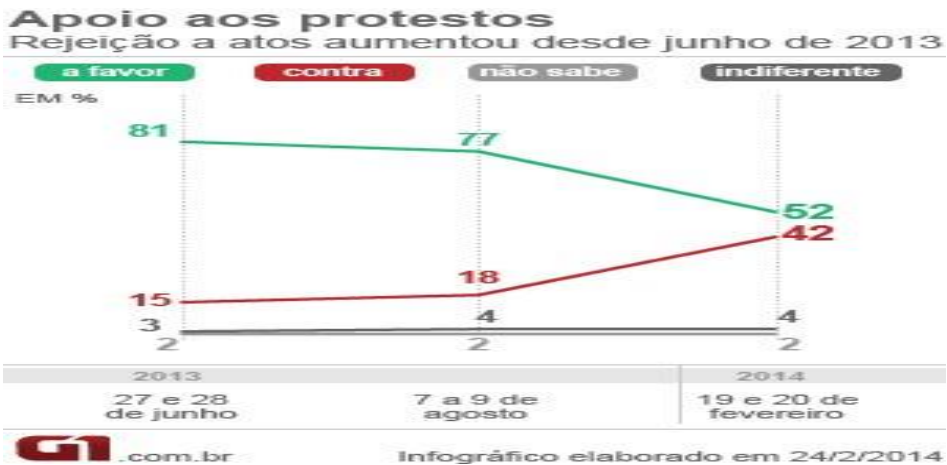
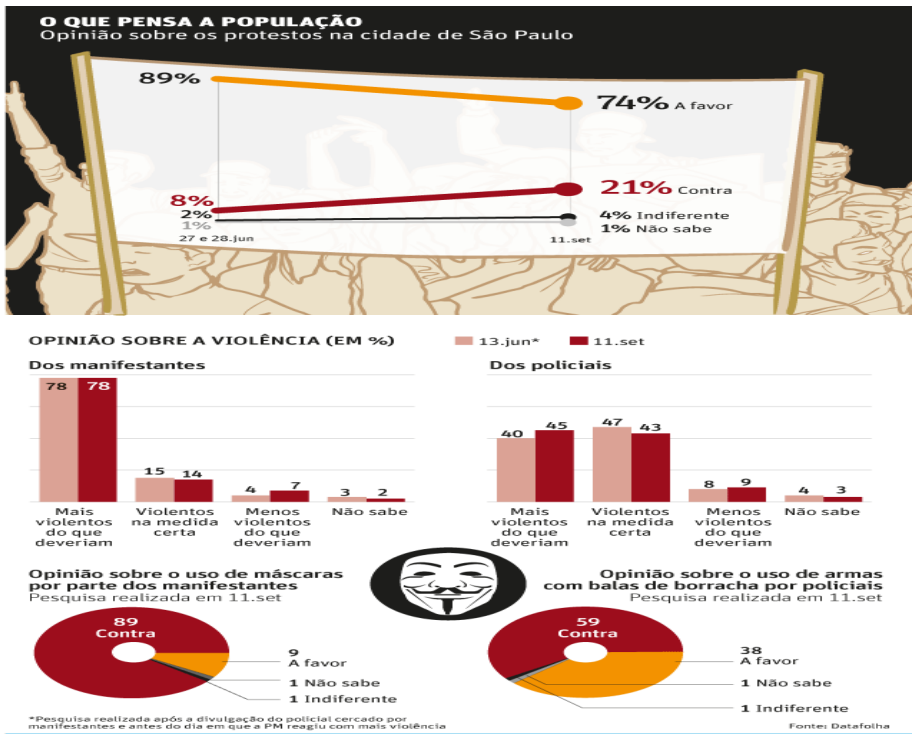
A letigitimidade dos dados são questionáveis, mas ao articularmos com as argumentações de Žižek, sinalizam para a seguinte indagação: o apoio e participação desse público nas manifestações se associa mais ao "medo" de perder privilégios, do que mesmo de querer mudanças substanciais e radicais na ordem sociometabólica do capital?

Uma possível resposta à indagação é orquestrada por Alves (2013), quando afirma que a motivação básica para o estopim da "onda massiva de protesto", está condensada na precarização do trabalho e suas consequências para uma camada social do precariado — constituída por jovens altamente escolarizados desempregados ou inseridos em relações de trabalho e vida precária. Segundo o sociólogo, essa precarização se dá tanto no seu sentido salarial, quanto existencial e o "precariado tende a estar convulsionado, deste modo, pelo estranhamento posto como carência de futuridade e de realização pessoal".

É importante salientar que largas frações da camada social do precariado incorporam, por um lado, a ideologia de “classe média”, tendo em vista sua posição na estratificação social. Como pertencentes às camadas médias, eles estão expostos à manipulação intensa e extensa dos *mass media*, compartilhando, deste modo, valores sociais da velha “classe média”. O que significa que tendem a absorver a “aberração cognitiva da classe média” (como diria Marilena Chauí), sendo em si politicamente ignorantes. Entretanto, apesar disso, carregam no peito contradições candentes oriundas de sua posição objetiva de classe. Isto é, embora cultivem aspirações fetichistas de consumo e adotem o individualismo competitivo próprio do *ethos* burguês, estão profundamente imersos na condição de proletariedade. Por isso, o sentimento moral imediato de parcelas amplas do precariado é a indignação. (ALVES, 2013, paginação irregular).

Não podemos, por outro lado cair no engodo ingênuo de que as manifestações foram de caráter pontual e focalizado, pois estas se estenderam por todo o segundo semestre do 2013, o que nos leva a crer estarem grávidas de focos de indignação reprimida, com ideais radicais contra a crise estrutural do sistema e as condições subumanas e de miserabilidade a que está levando o proletariado e parcelas significativas do precariado.

Ressaltamos que os retrocitados Institutos de Opinião tem recebido encomendas para fazerem diagnósticos sobre apoio e rejeição às manifestações, com ampla divulgação. Vejamos os gráficos sobre consultas feitas em São Paulo, em particular, cidade em que os protestos tiveram seu início e, outra sobre o Brasil em geral:



O objetivo implícito dessas consultas e o alardeado da mídia sobre os índices apresentados é apaziguar os ânimos da multidão indignada; a desmobilização das massas, na tentativa desesperada de evitar possíveis protestos contra a Copa do Mundo, intenção que apareceu também no pronunciamento da presidente Dilma Rousseff (2013, paginação irregular):

Sou a presidenta de todos os brasileiros, dos que se manifestam e dos que não se manifestam. A mensagem direta das ruas é pacífica e democrática. [...] Eu quero dizer a vocês que foram pacificamente às ruas: eu estou ouvindo vocês! E não vou transigir com a violência e a arruaça. Será sempre em paz, com liberdade e democracia que vamos continuar construindo juntos este nosso grande país. [...]

Não posso deixar de mencionar um tema muito importante, que tem a ver com a nossa alma e o nosso jeito de ser. O Brasil, único país que participou de todas as Copas, cinco vezes campeão mundial, sempre foi muito bem recebido em toda parte. Precisamos dar aos nossos povos irmãos a mesma acolhida generosa que recebemos deles. Respeito, carinho e alegria, é assim que devemos tratar os nossos hóspedes. O futebol e o esporte são símbolos de paz e convivência pacífica entre os povos. O Brasil merece e vai fazer uma grande Copa.

Uma espécie de "projeção fantasmática" emerge dessas ideias, com dois propósitos paradoxais: "inibir" a população para sair as ruas contra esse megaevento do capital; ao mesmo tempo que apela para se apoiar a realização da Copa, como algo benéfico para o desenvolvimento econômico e social do país, sempre com a cordialidade de um bom brasileiro, e para além dessa dimensão torcer tranquilo e rezar fervorosamente para que a seleção canarina se consagre hexacampeã do torneio futebolístico.

Por influxo de contexto demasiado paradoxal, a ideologia, assume, portanto, uma função de "matriz geradora que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como as mudanças nessa relação". (ŽIŽEK, 1999, p. 8).

Com isso o autor nos coloca diante de um outro paradoxo que corresponde à relação entre diagnóstico e sintoma, onde a situação sintomática é o próprio diagnóstico. Ao tratarmos das lições, contidas nas "jornadas de junho", no Brasil e, voltadas para a atuação política dos movimentos sociais na arena das metrópoles, tentaremos sinalizar em que aspectos essa relação se manifesta de forma objetivada.

As lições das manifestações populares no Brasil

Uma primeira lição, da insurgência popular que já ficou registrada nos anais da história dos movimentos sociais no Brasil e no mundo, compreende o poder de reinvenção das lutas desses movimentos, não esquecendo que em meio aos últimos protestos essa reinventividade congrega posturas e perspectivas políticas conservadoras. Esse aspecto é observado por Žižek (2012a, p. 83-4), nos seguintes termos:

Se analisarmos mais de perto o famoso manifesto dos Indignados espanhóis uma surpresa nos aguarda. A primeira coisa que salta aos olhos é o tom incisivamente apolítico:

Alguns de nós se consideram progressistas, outros, conservadores. Alguns são crentes, outros, não. Alguns têm ideologias bem definidas, outros são apolíticos, mas todos estamos preocupados e revoltados com a perspectiva política, econômica e social que vemos ao nosso redor: a corrupção entre políticos, empresários, banqueiros, o que nos deixa indefesos, sem voz.

Os protestos colocaram um ponto de interrogação na "desordem" do capital, produzindo um vazio na ideologia hegemônica, mas não se constituíram em uma proposta ousada de sua derrocada.

Contudo, seguindo uma necessidade propriamente dialética, essa ânsia de inventar novas formas de organização deveria ao mesmo tempo ser mantida à distância: nessa fase, o que deveria ser evitado é exatamente uma rápida transformação da energia dos protestos em uma série de demandas pragmáticas "concretas". Os protestos criaram um vazio — um vazio no campo da ideologia hegemônica, e é preciso tempo para preencher esse vazio de maneira apropriada, porque ele é fecundo, é uma abertura para o verdadeiramente novo. Lembremos aqui da tese provocadora de Badiou: "É melhor não fazer nada do que contribuir para a invenção de maneiras formais de tornar visível aquilo que o Império já conhece como existente". (ŽIŽEK, 2012a, p. 86-7).

Aqui emerge uma demonstração clara do anunciado no final da sessão anterior da relação entre causa e sintoma, que não corresponde a uma sobreposição entre ambas, mas que estas se deslocam dentro do contexto na perspectiva paralítica. O caráter político das manifestações e suas pautas difusas parecem apontar nessa direção, situação que os movimentos devem adotar como aprendizagem para a reinventividade de novas ações, inclusive para junho de 2014, no caso do Brasil que irá sediar um dos megaeventos do capital — a Copa do Mundo.

Como segunda lição, temos a vertente do que podemos nomear de paradoxo daquilo que parecia ser impossível, aparecer como possível, ou seja, uma oportunidade de decifrar o enigma da Esfinge e não permitir ser devorado, mas respondê-la e, assim, partir para o embate esclarecido e derrotá-la em definitivo. As jornadas pela sua multiplicidade de formas, interesses e matizes apresentaram essas possibilidades, mas ainda ficaram muito aquém de resolução objetiva do enigma, portanto estamos ainda ameaçados pelo "decifra-me ou te devoro" da ordem sociometabólica do capitalismo senil, que corrói a sustentabilidade do planeta, devasta nações, mutila corpos, feito um cão voraz. Isto quer dizer que

[...] na sociedade consumista capitalista tardia, a própria "vida social real" de certo modo incorpora as características de uma farsa encenada, na qual nossos vizinhos se comportam na vida "real" como atores e figurantes... A verdade última do universo capitalista utilitário e despiritualizado é a desmaterialização da "vida real" em si, sua transformação em um show espectral. (ŽIŽEK, 2009, p. 153. Grifos do autor).

Ao compreender a espinha dorsal dessa onda global e sua oscilação na superfície da gangorra, ou seja, com seus altos e baixos no enfretamento do "reino da contradição e do consumismo" na contemporaneidade (o capital), para o pensar žižekiano, os protestos globais devem ser encarados como lembrança de que precisamos pensar em alternativas. Que

alternativas? Que outra organização da produção e da sociedade poderá sobreviver a longo prazo sobre o aparato da ordem sociometabólica do capital?

O problema subjacente é: como pensar a universalidade singular do sujeito emancipatório como não puramente formal, isto é, como determinada concreta e objetivamente, mas sem classe operária como base substancial? A solução é negativa: é o próprio capitalismo que oferece uma determinação substancial negativa, pois o sistema capitalista global é a "base" substancial que medeia e gera os excessos (favelas, ameaças ecológicas etc.) que criam locais de resistência. (ŽIŽEK, 2011, p. 416).

Do nosso ponto de vista como terceira lição, tivemos as revelações de que lado se posiciona o Estado diante de antagonismos de classe mais agudos, em que as contradições do sistema tornam-se mais evidentes. Este busca, sob a máscara da "governabilidade democrática", manter a qualquer custo a hegemonia dominante e os interesses do famigerado capital. Preservando, por consequência os interesses da burguesia financeira, gerencial e todas as suas adjetivações possíveis, enquanto massacra literalmente o proletariado. Para uma demonstração mais incisiva desse aspecto, vejamos os dados que aparecem na narrativa de Azevedo (2013, p. 20-1). O trecho é longo, mas necessário para termos uma visão panorâmica e detalhada da ação do Estado (Democrático de Direito?):

[...] as manifestações em todo o Brasil, que tiveram seu auge no mês de junho, mas que prosseguem em vários estados, resultaram em mais de duas mil pessoas detidas em todo o País, sendo 700 somente no Rio de Janeiro; oito cegos por balas de borracha e estilhaços de bomba [...]. A ação policial também causou vítimas fatais [...] até o dia 12 de outubro [2013], seis pessoas morreram durante os protestos; outros 12 moradores do Complexo da Maré (RJ) foram assassinados pela Polícia Militar [...].

Ainda em junho, entre três protestos — do dia 13 a 20 —, foram lançadas quatro mil bombas contra manifestantes na capital carioca — metade delas com prazo de validade vencido. O governo do Rio chegou a adquirir nos dias subsequentes, em regime de urgência, um lote de dois mil artefatos que seriam exportados para Angola, na África, pela empresa Condor S/A Indústria Química, e que têm uma concentração de lacrimogêneo (CS) de 20%, o dobro do permitido na legislação brasileira e ao custo de R\$ 1,6 milhão, ou R\$ 800,00 cada.

O auge da truculência no Rio foi no dia 15 de outubro [2013], em uma passeata que contou com cerca de 50 mil participantes nas ruas do centro em apoio aos professores estaduais e municipais, que completavam quase 70 dias de greve. A maioria dos presos naquele dia estava sentada na escadaria da Cinelândia. O saldo foi de 200 detidos. Em São Paulo, também no dia 15 de outubro [2013], 70 pessoas foram detidas.

Também chamou a atenção na reação do Estado no mês de outubro o uso da Lei de Segurança Nacional, sancionada em 1983, durante a ditadura militar, por um delegado de São Paulo para acusar um casal que estava nas manifestações do dia 7 [de outubro de 2013], e da nova Lei Orgânica Criminosa (Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013) criada para combater milícias e organizações transnacionais, mas que também serve para tipificar os jovens cariocas selecionados pela polícia nas mídias eletrônicas.

Esses dados acabam confirmando a perspectiva de Žižek sobre a função da ideologia fincada na ideia de democracia liberal burguesa.

Os protestos e revoltas atuais são sustentados pela sobreposição de diferentes níveis, e é esta combinação de propostas que representa sua força: eles lutam pela democracia (“normal”, parlamentar) contra regimes autoritários; contra o racismo e o sexismo, especialmente contra o ódio dirigido a imigrantes e refugiados; pelo estado de bem-estar social contra o neoliberalismo; contra a corrupção na política e na economia (empresas que poluem o meio ambiente etc.); por novas formas de democracia que avancem além dos rituais multipartidários (participação etc.); e, finalmente, questionando o sistema capitalista mundial como tal e tentando manter viva a ideia de uma sociedade não capitalista. Duas armadilhas existem aí, a serem evitadas: o falso radicalismo (“o que realmente importa é a abolição do capitalismo liberal-parlamentar, todas as outras lutas são secundárias”) e o falso gradualismo (“no momento, temos de lutar contra a ditadura militar e por uma democracia básica; todos os sonhos socialistas devem ser postos de lado por enquanto”). A situação é, portanto, devidamente sobredeterminada, e devemos inquestionavelmente mobilizar aqui as velhas distinções maoístas entre a contradição principal e as contradições secundárias – isto é, os antagonismos –, entre os que mais interessam no fim e os que dominam hoje. Por exemplo, há situações concretas em que insistir sobre o antagonismo principal significa perder a oportunidade e, portanto, desferir um golpe à própria luta capital. (ŽIŽEK, 2013, p. 190-1)

A quarta lição corresponde ao fator de unificação dos protestos, a qual não pode ser reduzida a uma única questão, por está relacionada a uma dimensão econômica, de maior ou menor radicalidade; e outra político-ideológica. Em relação a economia devemos colocar como centralidade das ações a noção de exploração, via pela qual podemos fraturar a espinha dorsal do capital em seu estágio tardio, para não nos perdemos no mito político-ideológico da moral democrático-liberal burguesa.

Isto, é claro, não significa que, uma vez que a verdadeira causa dos protestos é o capitalismo global, a única solução seja sobrepor-se diretamente a ele. A alternativa de negociação pragmática com problemas particulares, esperando por uma transformação radical, é falsa, pois ignora o fato de que o capitalismo global é necessariamente inconsistente: a liberdade de mercado anda de mãos dadas com o fato de os Estados Unidos apoiarem seus próprios agricultores com subsídios; pregar democracia anda de mãos dadas com o apoio à Arábia Saudita. Tal inconsistência, essa necessidade de quebrar suas próprias regras, abre um espaço para intervenções políticas: quando o capitalista global é forçado a violar suas próprias regras, abre-se uma oportunidade para insistir que essas mesmas regras sejam obedecidas. Isto é, exigir coerência e consistência em pontos estrategicamente selecionados nos quais o sistema não consegue se manter coerente e consistente é uma forma de pressionar o sistema como um todo. Em outras palavras, a arte da política reside em insistir em uma determinada demanda que, embora completamente “realista”, perturba o cerne da ideologia hegemônica e implica uma mudança muito mais radical, ou seja, que embora definitivamente viável e legítima, é de fato impossível. Era este o caso do projeto de saúde universal de Obama, razão pela qual as reações contrárias foram tão violentas .

No caso brasileiro sobre esse aspecto do "impossível", apesar da demanda ser "realista", podemos citar a bandeira do Movimento Passe Livre que compreende a "tarifa

zero", que embora viável e legítima, além de benéfica para a população que utiliza transporte coletivo, no interior do capital é de fato impossível. Como o Estado, que é uma das partes fundamentais do metabolismo do capital, permitiria a legitimação de um preceito em que a tarifa para o transporte coletivo fosse zero para o usuário? Isso não seria contribuir para a própria derrocada do sistema fundado no lucro e na mais-valia?

Uma quinta lição vinda das ruas está relacionada à quebra de dois mitos, primeiro o do neodesenvolvimentismo, que até então vinha sendo intocável e visto de forma amplamente otimista por estratos populares, por parte da intelectualidade de cunho progressista, bem como por setores conservadores e integrantes do grande capital, no entanto no pós-jornadas esse mito deu sinais de insustentabilidade. Como exemplo disso, reproduzimos a opinião de Ivana Bentes (2014, p. 10), ao falar sobre o tema: "O projeto nacional-desenvolvimentista, fordista, da presidenta Dilma, que investe em automóvel, hidrelétrica, petróleo, passando por cima da maior riqueza brasileira, que é seu capital cultural, ferindo direitos, destruindo o meio-ambiente, é insustentável".

Segundo, o mito do "país do futebol" em que a Copa aparecia como um evento "sagrado" no imaginário popular, começou a ser questionada. Na maior parte dos protestos surgiram cartazes e reivindicações do tipo "menos Copa, mais saúde e educação", "por saúde e educação com padrão Fifa", "menos dinheiro para a Copa, mais para a saúde e educação" e o que é mais inusitado, surgiu nas redes sociais o movimento "não quero Copa do Mundo no Brasil", lema este que deverá ser bandeira dos possíveis protestos que estão sendo organizados para junho de 2014, período da realização do megaevento em terras, outrora, de Vera Cruz, em que vicejava o Pau Brasil, em robusta Mata Atlântica.

Considerações finais

As "jornadas de junho" no Brasil e os protestos ocorridos em outras Nações, ao serem compreendidos pela abordagem vinculada ao pensamento žižekiano, pelo seu aspecto difuso e incerto, mesmo que sejam identificados como reações à crise estrutural do capitalismo global, contém uma insatisfação com potencial emancipatório, mas apenas uma vez que esta insatisfação seja extraída deles, refletida e transformada em ação.

Os protestos são o encontro paradoxal, do desejo de transformação e do medo de transformar, entre desejo do outro e desejo do mesmo e por essa razão não são emancipatórios na sua natureza em si. Eles carregam e expressam a matéria-prima da transformação, mas não

são transformadores. Os protestos são formas de expressar o desejo de transformação sem jamais engajar-se no processo da transformação.

Eles tendem a se conceber como isentos de ideologias, como separados de todos os partidos políticos e interesses particulares, como adversários da política tradicional e do mercado tradicional, mas só podem manter esta fantasia de pureza na medida em que permaneçam paralisados e impotentes. Ao mesmo tempo, eles tendem a se conceber como perfeitos e infalíveis, incapazes de formular propostas concretas, porque toda proposta concreta será imperfeita e insatisfatória, e o movimento não admite para si a possibilidade de errar, de macular sua autoimagem de perfeição por meio de um engajamento com o mundo prático. (FILÓSOFO GREGO, paginação irregular).

O que podemos retirar disto? Nisto se expressa, ao mesmo tempo, um medo e uma esperança. O medo é de que os protestos se esgotem em si, sejam convertidos em fins em si mesmos, seja por serem expressão terapêutica de insatisfação, seja por rejeitarem compromisso pragmático com o mundo. Aqui também, podemos incorrer no erro de focalizarmos a causa dos protestos em particularizações ou sinais sintomáticos do problema. Cabe então, para não incorremos em tais riscos, assumirmos uma agenda concreta e usar o poder de pressão em direção à seu atendimento, mesmo que se chegue depois à conclusão que o que se devia ter reivindicado era outra coisa. É necessário que algumas conquistas significativas fiquem como legado e testemunho da força deste movimento.

Os protestos carregam consigo um potencial transformador que os ultrapassa. Eles são o anúncio de um novo tempo, de uma nova política, que virá, mas ainda não chegou. É o futuro que bate à porta do presente, pedindo passagem. Eles portam demandas a que apenas as invenções institucionais de outra imaginação política poderão dar plena expressão e realização. Importante é seguir o conselho de Žižek e não nos enamorarmos de nós mesmos, não endeusarmos este movimento em si, mas darmos corpo concreto e passo progressivo ao potencial que foi agora deflagrado.

Identificamos esse potencial transformador na essência das "jornadas de junho", entretanto, não podemos considerá-las uma radicalização contra a ordem sociometabólica do capital. Suas pautas não ultrapassam a ordem democrática liberal, mas de imediato conseguiu tirar os Poderes Executivo e Legislativo da inércia, bem como da "zona de conforto" sustentadas até então pelo mito do "neodesenvolvimentismo" conduzido pelo governo de "Frente Popular", ou seja, a ideia de que "estamos indo muito bem, obrigado!", enquanto o povo pobre brasileiro é quem paga a conta ou o "pato". É o que podemos comprovar no comentário de Allegrini (2014, p. 14):

A carga tributária no Brasil é uma das maiores do mundo sim, mas para a população mais pobre, que chega comprometer quase metade de sua renda com impostos e taxas. "Vários estudos mostram que quem ganha até dois salários mínimos paga até 49% dos seus rendimentos em tributos, enquanto os que recebem acima de 30 salários desembolsam apenas 26%. Ou seja, a carga tributária é perversa por penalizar as camadas de menor renda", afirma Amir Khair, mestre em finanças públicas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Ainda na esfera dos ganhos imediatos, no âmbito da arena política, consequência dos protestos no Brasil, tivemos um recuo na postura conservadora do Congresso Nacional frente à aprovação de temas controversos que avançavam na velocidade do "velocino de ouro". Citamos como exemplo a rejeição à PEC 37/2011, a qual objetivava limitar a investigação de crimes as polícias, excluindo o Ministério Público; e a indicação da proposta de 100% dos *royalites* para saúde e educação.

Foi possível com a continuidade dos protestos abrir-se um debate sobre a desmilitarização da polícia⁹, segmento da força repressora de Estado que tem utilizado um aparato de guerra para conter manifestantes e massacrar os habitantes de periferias nas grandes cidades, além de garantir a proteção do próprio Estado e da plutocracia e seus bens públicos e privados.

Estamos diante de um espaço aberto para o "uso público da razão", em que a "arma da crítica" faz-se fundamental nesses tempos de "anorexia intelectual"? Deixemos a resposta para as ruas e as jornadas que continuam e as que estão por vir.

Referências

ALLEGRI, Gabriela. Impostos: pobre é quem paga a conta. **Revista Caros amigos: a primeira à esquerda**. Ano XVII, n. 203, p. 14-17, 2014.

ALVES, Giovanni. A revolta do precariado no Brasil. **Blog da Boitempo**. Publicado em 24 jun. 2013. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2013/06/24/a-revolta-do-precariado-no-brasil/?blogsub=confirming#blog_subscription-3> Acesso em 18 mar. 2014.

_____. Ocupar Wall Street... e depois? In HARVEY, David. et.al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. Trad. Fernando Marcelino e Chrysantho Sholl. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2012, p. 31-38.

AZEVEDO, Lena. Repressão: o Estado contra o povo. **Revista Caros Amigos: à primeira a esquerda**. Ano XVII, n. 200, nov. p. 20-24, 2013.

⁹ Para um conhecimento mais detalhado, do ponto de jornalístico, sobre a desmilitarização da Polícia Militar, sugerimos a leitura da edição especial de "Caros amigos: a primeira à esquerda", Ano XVII, n. 66, 2013, bem como de "Le Monde Diplomatique Brasil", Ano 7, n. 76, nov. p. 12-19, 2013.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A força transformadora da multidão. **Revista Filosofia Ciência&Vida**. Ano VII, n. 85, ago. p. 15-23, 2013.

CHAUÍ, Marilena. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. **Revista Teoria e Debate**. n. 113, jun. 2013a. Disponível em:
<<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo>>. Acesso 08 mar.2014.

_____. A revolta urbana. **Revista Caros Amigos: à primeira a esquerda**. Ano XVII, n. 197, ago. p. 10-14, 2013b. (Entrevista).

_____. O inferno urbano e a política do favor, tutela e cooptação. **Blog da Boitempo**. Publicado em 26 jun 2013. Disponível em:
<<http://blogdaboitempo.com.br/2013/06/28/o-inferno-urbano-e-a-politica-do-favor-tutela-e-cooptacao/>> Acesso em 05 mar 2014.

DATAFOLHA. Apoio as manifestações cai de 74% para 66%. Disponível em:
<<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/10/1363246-apoio-as-manifestacoes-cai-de-74-para-66.shtml>> Acesso em 26 fev 2014.

DAVIS, Mike. Estrada de metal pesado. In VAINER, Carlos et.al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. E-Book. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013. p. 85-94.

FILÓSOFO GREGO. Entendendo os protestos no Brasil: oito interpretações. Disponível em:
<<http://aquitemfilosofiasim.blogspot.com.br/2013/06/entendendo-os-protestos-no-brasil-oito.html>>. Acesso em 15 jan. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Pesquisa mostra que apoio às manifestações cai em SP. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/09/1342221-pesquisa-mostra-que-apoio-as-manifestacoes-cai-em-sp.shtml>> Acesso em 25 fev. 2014.

G1.COM.BR. Rejeição a manifestações é a maior desde junho, diz Datafolha. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/02/rejeicao-manifestacoes-e-maior-desde-junho-diz-datafolha.html>> Acesso em 26 fev. 2014.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In VAINER, Carlos et.al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. E-Book. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013. p. 46-61.

IBOPE. 75% dos brasileiros são favoráveis às manifestações públicas. Disponível em:
<<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/75-dos-brasileiros-sao-favoraveis-as-manifestaco-publicas.aspx>> Acesso em 26 fev. 2014.

MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! **Le Monde Diplomatique Brasil**. Ano 6. n. 73. 2013. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1465>> Acesso em 14 fev. 2014.

MÉSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**. Trad. Francisco Raul Cornejo... et. ali. 2. ed. rev. amp. - São Paulo: Boitempo, 2011.

LESBAUPIN, Ivo. Brasil: as manifestações de rua e a resposta do governo. **Fórum Internacional das Plataformas Nacionais de ONGs FIP**. Disponível em <<http://www.ongngo.org/pt/opiniao/brasil-as-manifestacoes-de-rua-e-a-resposta-do-governo/>> Acesso em 10 mar. 2014.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In VAINER, Carlos et.al. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. E-Book. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013. p. 9-20.

ROUSSEFF, Dilma. Pronunciamento da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV. **Planalto. gov. br. Imprensa**. Publicado em 21 jun. 2013. Disponível em:
<<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv>> Acesso em 18 mar. 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. Trad. Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2011

_____. *Lacrimae rerum*: ensaios sobre cinema moderno. Trad. Isa Tavares e Ricardo Gozzi. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **O ano em que sonhamos perigosamente**. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012a.

_____. O violento silêncio de um novo começo. In HARVEY, David. et.al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. Trad. Fernando Marcelino e Chrysantho Sholl. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2012, p. 15-25.

_____. Problemas no paraíso. In VAINER, Carlos et.al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. E-Book. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013. p. 180-195.

_____. **Vivendo no fim dos tempos**. Trad. Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2012c.